

Das Artes e da História

FRANCISCO CLODE

As colecções e os coleccionadores do Museu da Quinta das Cruzes

POUCOS SÃO OS MADEIRENSES QUE CONHECEM O MUSEU DA QUINTA DAS CRUZES E MENOS AINDA OS QUE CONHECEM A SUA HISTÓRIA, DESDE A AQUISIÇÃO DA QUINTA DAS CRUZES PARA MUSEU EM 1946.

O Museu da Quinta das Cruzes foi inaugurado em 1952, basicamente a partir da doação da colecção de Filipe César Gomes e de algumas peças adquiridas pelo Governo.

Mas a vida do Museu da Quinta das Cruzes tem conhecido muitas outras doações que têm vindo a enriquecer a colecção original.

Assim na "colecção" do

Museu da Quinta das Cruzes não encontramos um conjunto homogéneo de objectos, ligados entre si por qualquer filiação essencial, mas a adição consecutiva de peças, por muitos dos seus doadores, de maior ou menor peso.

Não poderemos denominar o Museu da Quinta das Cruzes, como uma "Casa-Museu", na medida, em que

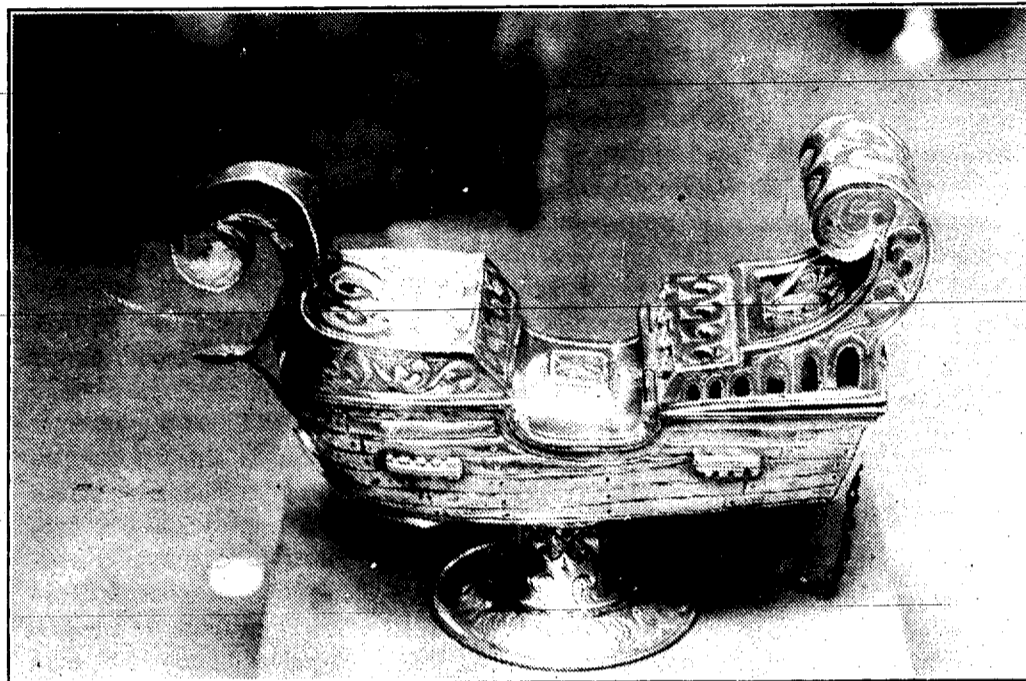
nele não se mantém viva a "personalidade" de um coleccionador, da sua vivência, das suas inclinações e interesses artísticos, mas quanto muito um "Museu-Casa"; — a encenação de uma "colecção" de artes decorativas, com objectos de muitas proveniências, num espaço que se articula à maneira de um lugar onde se podia ter vivido...

Este "Museu-Casa" pode assim definir-se precisamente pela conjugação de dois sentidos muito próprios.

Pela importância de um espaço ajardinado, numa recriação da natureza, que enquadra uma casa, ela mesma, um repositório de estilos e épocas, entendimentos ilhéus da arquitectura nacional e dos eternos anglo-exotismos.

Esta casa é também ela o resultado de muitas casas em muitas épocas, impondo concepções diferentes do que é a definição de um "espaço habitável".

Por ela devem ter passado João Gonçalves Zarco, a sua família e tudo o que ela representava, em momentos mais ou menos obscuros ou gloriosos. Foi também uma espécie de "hotel", no entendimento que disso se tinha no século XIX, um lugar onde aportavam físicos a adiar a morte, também aventureiros "turistas" com hábitos de apontar em desenho aquilo que não conheciam na sua terra natal e que muitas vezes, quando o destino assim o disse, os



Naveta em Prata Portuguesa de cerca de 1590-1630. Museu da Quinta das Cruzes.

converteram em colecções de gravuras, ou hábeis quadros a óleo, em que muitas vezes, e para equilibrar a composição se recorria a umas folhas à frente do álbum desenhado, que correspondiam já ao regresso a casa. Nasceram assim impressionantes composições de vilões da Madeira perante o rochedo de Gibraltar...

Mas para além da história da casa há também a história ou as histórias das colecções e dos coleccionadores que fizeram o Museu.

Na história do Museu da Quinta das Cruzes, hoje referente, enquanto lugar onde se poderá percorrer boa parte das artes decorativas portuguesas e inglesas, respectivamente dos séculos XVII e XVIII, não foi pensado enquanto espaço acabado, projecto definido, mas local

onde de forma circunstancial se foram agrupando objectos aos quais foi necessário conferir um sentido comum.

Essa homogeneização deve ser um projecto em constante aperfeiçoamento, por um lado através de uma rotatividade dos objectos expostos, proporcionando novos sentidos aos conjuntos, por outro, pela entrada de novas peças, doadas ou adquiridas, que se possam constituir como fios condutores em falta, ou abrindo perspectivas na criação de novos núcleos.

Aos doadores de objectos artísticos, todos os louvores devem ser dados, e porque não até, decisivas benesses fiscais, como forma de incrementar o processo.

Uma palavra muito especial devemos dirigir a todos aqueles que ao longo deste

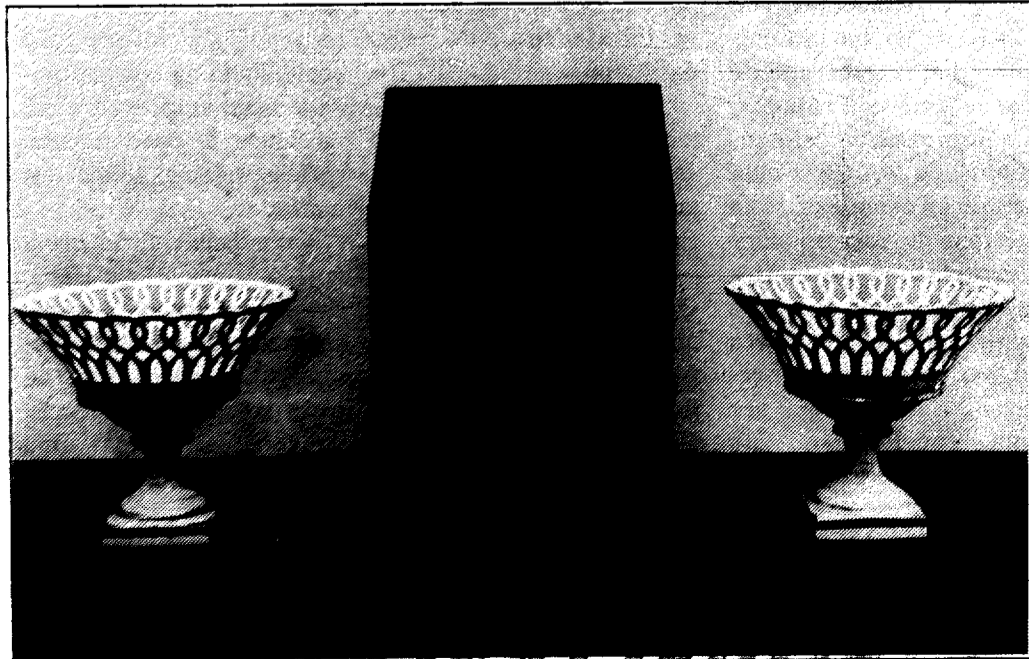
meio século têm vindo a prestar a sua generosa colaboração.

Para além das grandes doações, Filipe César Gomes e João Wetzler, respectivamente em 1946 e 1966, muitos outros nomes se têm vindo a juntar, como exemplo: Dr. José Maria Branco, Francisco da Costa, Mr. e Mrs. Lee, Major C. Show, Família Miguéis, R. Sténuit, Mrs. D. A. Boddis, Madeira Wine Company, Mrs. Susan Bolger, Condessa de Torre Bela, Luísa Grande Lomelino, Prof. Feliciano Soares e Mrs. Beswick.

Uma palavra especial deve ser dirigida ao último do benfeitores do Museu, o Exmo. Sr. Carlos Cândido Teixeira, que no ano corrente ofereceu uma cómoda papeleira em Paussanto de fins do século XVIII-XIX ao Museu.



N. Sr.ª da Conceição. Marfim Indo-Português do século XVII. Museu da Quinta das Cruzes.



Caixa de saqueiro inglesa do século XIX. Louça europeia de fins do século XVIII princípios do século XIX. Museu da Quinta das Cruzes.



Prato de rara Faiença Holandesa de Delft. Século XVII. Museu da Quinta das Cruzes.